

Fonseca, Rubem. *Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 1989. 287 páginas.

O Brasil, apesar de vasta extensão territorial, tem sua população mais ou menos concentrada em treze cidades, a maioria delas ao longo da costa atlântica. Mais de 60% desta população vivem reunidos em apenas seis Estados dos vinte e seis que compõem sua República Federativa: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina.

Apesar de o Brasil ter uma população muito jovem, apenas 32 milhões de brasileiros, dos 140 milhões do total, freqüentavam o circuito escolar em 1988. Em números redondos, 27 milhões, no 1º grau; 3,5 milhões, no 2º grau, e 1,5 milhão no ensino superior. Menos de 20% dos alunos que entram para a escola chegam a concluir a quarta série do primeiro grau.

Dados como esses, apesar de escassos, já servem para dar uma idéia de que o Brasil é na verdade um aglomerado de regiões, populações e culturas muito diversificadas. O que se toma pelo Brasil de Gutenberg é pois um conjunto de arquipélagos, situados em sua maioria no sul e sudeste. Temos regiões imensas, habitadas por populações quase ágrafas; ao mesmo tempo, expoentes culturais dos arquipélagos antes nomeados rivalizam em qualidade com o que de melhor pode-se encontrar nas grandes metrópoles ocidentais.

Se como nação ainda estamos à margem da chamada Galáxia de Gutenberg, nossos arquipélagos culturais indicam um florescimento literário sem comparação com outros períodos de nossa História. Não temos uma imprensa que espelhe o Brasil em suas sutis complexidades. Temos alguns poucos jornais e revistas que dão do país recortes muito pouco significativos. Se um pesquisador da literatura brasileira guiar-se pelas páginas de nossa

imprensa dedicadas a autores e livros, para ter um conhecimento das letras brasileiras, conhecerá muito pouco de nossa produção literária, e sua pesquisa não terá valor algum, porque equivaleria a estudar-se um elefante tomando-se por base uma pequena ponta de seu rabo.

O lançamento do novo livro de Rubem Fonseca, *Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos* (São Paulo, Companhia das Letras, 287 páginas) por seus desdobramentos presta-se a oportuna reflexão, que não deixe de lembrar que país, que romance e que autor nossos jornais e revistas estão comentando.

Em primeiro lugar, registre-se que a quase totalidade dos resenhistas, por falta de adequada qualificação profissional ou por razões escusas, esqueceu de informar ou lembrar aos leitores (aos mais jovens, sobretudo) que o autor de *Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos* e o único escritor ainda proibido no Brasil. Um de seus livros, *Feliz Ano Novo*, lançado em 1975, foi proibido em 1976 e nunca mais pôde ser reeditado. O escritor levou a censura aos tribunais, e o processo, hoje em grau de apelação, encontra-se no Tribunal Federal de Recursos.

Apesar de a ditadura militar ter acabado formalmente em 1985, com a instalação da chamada Nova República, cujo governo de transição entra agora em seu final, apenas uma publicação brasileira apresentou a lista dos mais de quinhentos livros proibidos pelo regime militar. Não é por falta de nomes ilustres no elenco. Na esteira de Rubem Fonseca, estão proibidos senadores, generais, empresários e outras figuras públicas bastante conhecidas. O periódico que apresentou o único balanço do proibido foi a revista ESCRITA, cujo editor é o escritor Wladyr Nader. Revistas semanais de informações como a VEJA recusaram a publicação, apesar de terem páginas especialmente dedicadas a livros, sob a alegação de que não se tratava de assunto de interesse, nem da revista, nem do leitor. Apesar de recusar lista de proibidos devidamente comprovada, a revista VEJA continua publicando até os dias de hoje uma suposta lista dos dez mais vendidos da semana, sob cujos números a reportagem não tem controle que permita averiguar sua veracidade. Pesam sobre essa chamada lista dos dez livros mais vendidos (que na verdade, são vinte, já que são desdobrados em ficção e não-ficção), publicada também em outros jornais e periódicos, inúmeras suspeitas quanto à lisura de sua confecção. Afinal, o Brasil tem mais de mil editoras e não passam

de dez as que se revezam entre os mais vendidos, há vários anos. Recentemente, num encontro entre escritores e jornalistas, na sede da União Brasileira de Escritores, um ficcionista, diante de um plenário lotado e perplexo, informou que tinha conhecimento de livros encalhados que haviam freqüentado a lista e que tinham vendido menos de dois mil exemplares, enquanto ele próprio, com livros que venderam perto de cem mil exemplares, estivera excluído.

Outros dados completam este quadro. Por exemplo: enquanto editoras que freqüentam a lista não fazem mais do que os costumeiros três mil exemplares em suas primeiras edições, editoras menores fazem edições iniciais de dez mil exemplares, lançando novos autores, que jamais freqüentam aquela lista!

Rubem Fonseca é um dos mais importantes escritores brasileiros contemporâneos. Mas o tom dominante nos comentários que se seguiram ao lançamento de *Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos*, apresentando-o como única opção de leitura de ficção num país complexo como o Brasil, é, no mínimo, falso. De repente, em gestos irresponsáveis que foram sendo repetidos, os comentaristas passaram a tomar a parte pelo todo. É como se autores de prestígio consolidado ou novos e talentosos ficcionistas surgidos durante a ditadura militar, tivessem sido excluídos, num processo sumário, de efeitos predatórios muito mais eficientes do que a própria censura, já que estendeu-se sobre todos eles um manto de silêncio que, a vigorar, não deixaria nem cruzeiros nem tumbas que relembassem seus nomes e suas obras. Os atingidos permaneceram em silêncio. Ou por ética, desconforto ou certeza de que a História não pode ser enganada. E não são comentários de jornais e revistas, por mais influentes que sejam *hoje*, que haverão de decretar seu desaparecimento. Em última instância, é o tempo que fixa o lugar, o valor, a importância etc. de uma obra. E raramente os grandes escritores foram reconhecidos como tais por seus contemporâneos. Aliás, às vezes nem eles mesmos sabiam aferir o valor de suas próprias obras.

Não seria o caso de citar nomes, sobretudo por causa das inevitáveis omissões, não apenas por falta de espaço, mas também por falta de informações corretas. São tantas as editoras no Brasil dos anos 70 e 80, e de tantos diferentes lugares, que é impossível ainda sequer o simples levantamento de autores e obras. Se a censura encontrou mais de quinhentos autores para proibir, como é que a maioria dos grandes jornais e revistas, através de suas

secções especializadas, não encontra mais do que a meia dúzia habitual para comentar? No caso de *Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos*, a meia dúzia foi expurgada de cinco, para deixar apenas um escritor no Brasil. Todos os outros foram sumariamente eliminados, através de um simples comentário de algumas linhas.

Este tratamento tão alienado e execrável não irritou apenas os escritores excluídos. Aliás, a eles talvez esses comentários tenham incomodado menos. Afinal, o patrimônio principal do escritor é sua obra e esta não pode ser saqueada. Assim, importantes escritores como Antonio Callado, Lygia Fagundes Telles, Ignácio de Loyola Brandão, Jorge Amado, Nélide Piñon, Moacyr Scliar, Dalton Trevisan, João Ubaldo Ribeiro, Luiz Antonio de Assis Brasil, Charles Kiefer, Oswaldo França Jr., Roberto Drummond, Raimundo Carrero, João Antônio e dezenas, para não dizer centenas de outros escritores, foram dados como desaparecidos sem nenhuma lembrança. Convenhamos: pior do que uma incompetência ocasional ou uma censura *ex officio*, tais procedimentos de exclusão são essencialmente fascistas, na medida em que não apenas discordam ou impedem a publicação referente a esses escritores e obras, mas objetivam um esquecimento do público leitor, já diminuto num país de características tão peculiares como o Brasil.

Rubem Fonseca tem seu nome e sua obra assegurados na História da Literatura Brasileira. Mais que isso, quando alguém se der ao trabalho de levantar sua biografia, verá como esse escritor evitou a publicidade, abominou os procedimentos que levam a qualquer tipo de exclusão e manteve-se coerente ao longo de sua vida.

O deslumbramento constatado na maioria dos comentários que se ocuparam do lançamento de *Vasta Emoções e Pensamentos Imperfeitos* prende-se mais a uma inegável herança colonial e colonialista. Rubem Fonseca está sendo louvado, não por seus méritos próprios como escritor, já marcados indelevelmente em seu livro de estréia e mais tarde no melhor romance de sua extração, que é *O Caso Morel*, mas porque somente agora esses arrivistas da *mídia* perceberam que Rubem Fonseca cultivava uma espécie de modernidade tardia, trazendo para um país de capitalismo tardio, um tipo de literatura que já tarda também entre nós: o romance policial, do qual ele é também um mestre inegável e um dos mais bem sucedidos pioneiros.

Mas é importante não confundir o Rio de Janeiro com o Brasil. Assim como é preciso lembrar que com tantas sutis complexidades o grande romance brasileiro contemporâneo que parte da crítica universitária vive reclamando que não chega, talvez não possa ser obra de apenas um autor. Ele está sendo feito por inúmeros ficcionistas, espalhados pelos diversos arquipélagos que compõem esse vasto Brasil. Se nem a imprensa dita especializada e nem os circuitos escolares ainda não os perceberam, isto não quer dizer que eles não existam. Eles existem. Estão escrevendo, publicando e surpreendendo muita gente.

Os problemas atuais que enfrenta a literatura brasileira são, pois, bem outros. Devido à vasta extensão territorial do Brasil, a distribuição dos livros publicados é precária, lenta e feita num número muito reduzido de livrarias. Nem a Câmara Brasileira do Livro sabe ao certo quantas livrarias existem no país, mas estima-se que seu número não chegue a quinhentas, quatrocentas das quais situadas nas regiões sul e sudeste. Além disso, houve enorme concentração de renda nos últimos anos, que empobreceu ainda mais o povo e, sobretudo, as classes médias, as clientes preferenciais de produtos culturais como o livro e o cinema. Não é por outro motivo que mais de mil salas de exibição foram fechadas. Com as crises econômicas e financeiras que se abateram sobre o país, os primeiros cortes nos orçamentos domésticos atingiram o livro e o cinema.

No caso da literatura brasileira, a situação se agrava por força de um vício da própria crítica e dos circuitos escolares, que consiste numa posição arrogante que faz esperar que chegue até eles aquilo que deveriam procurar nas livrarias. Impera, assim, uma relação de favor, que marcou nosso passado colonial. Recentemente, um professor universitário lamentava uma suposta crise da literatura brasileira, utilizando como argumento a diminuição do número de livros que recebia gratuitamente da parte das editoras.

Pesquisadores universitários ou jornalistas bem informados são unânimes em atestar um florescimento de nossas letras neste fim de século, talvez só comparável a dois momentos marcantes da literatura brasileira: os últimos decênios do século XIX e o romance que teve lugar a partir dos anos 30 deste século. Sintomaticamente, tanto um quanto outro dos períodos histórico-literários apontados, não estiveram desligados de profundas transfor-

mações pelas quais passava a sociedade brasileira. As lutas pela abolição e a república, no primeiro caso; e a Revolução de 30, no segundo.

Talvez uma reflexão menos paroquial e mais séria em seus propósitos levasse a outra hipótese. Não se trata de vituperar uma literatura que, a rigor, ninguém conhece em sua vasta produção e complexidade, sem dar atenção ao que dizem dela os poucos que no país, por gosto ou obrigação profissional, deram-se ao trabalho de examiná-la, ainda que através de amostras nem sempre representativas, mas de todo modo menos precárias que as suposições e juízos exarados por instâncias de poder que não a conhecem e além do mais estão a serviço de *bestsellers* estrangeiros, estes, sim, impostos ao público sem que seja avaliada sua qualidade literária mínima. Precedeu-se, pois, a uma inversão nefasta: dá-se atenção à quantidade e não à qualidade. Assim, um determinado romance ganha espaço na imprensa e a partir daí amplia o número de leitores, não por causa de seus méritos específicos, de suas qualidades literárias, mas por causa de seu desempenho no mercado. É a quantidade imperando sobre a qualidade. Caso este critério tivesse sido sempre utilizado no passado, o patrimônio cultural da humanidade estaria seriamente reduzido, pois algumas das maiores obras literárias não somente foram ignoradas ou desprezadas no seu tempo, mas também perseguidas.

No momento em que escrevo essas linhas, *Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos* é o único livro nacional que está entre os mais vendidos no Brasil. Tem sido, também, o que mais ganhou espaço nos jornais e revistas, não por seus méritos literários próprios, evidentes em qualquer dos livros de ficção de Rubem Fonseca, mas porque, ao dosar com sabedoria e muita habilidade o chamado romance policial, o autor tornou-se um *must* para o público leitor. Seu percurso anterior, como renovador de nossa prosa de ficção, foi ignorado. Seus livros de contos, por exemplo, onde seu desempenho é de causar alumbramentos, não obtêm o mesmo sucesso que seus três romances mais recentes. E *O Caso Morel*, um romance único em sua trajetória até aqui, é absolutamente diferente dos três aludidos, *Bufo & Spallanzani*, *A Grande Arte* e *Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos*, os três marcados por personagens, tramas e estratégias narrativas que os caracterizam como romances policiais.

Os comentaristas que vêm se ocupando dos livros de Rubem Fonseca não têm tido a mesma competência dele no desvendamento das tramas que envolvem suas personagens. Não se procura saber quem perseguiu o autor, por que o fez, em que circunstâncias e com que objetivo, quando, onde etc. As respostas a estas perguntas revelariam um dos fatos capitais da cultura brasileira, e não apenas da literatura, durante a ditadura militar: a censura que, somente entre os livros, encontrou mais de quinhentos para proibir, quando certa crítica, arrogante e desinformada, atesta a esterilidade de nossas letras, sem ao menos ler o que foi proibido.

Ao invés, pois, de levantar questões fundamentais, esses comentários, tão vastos e igualmente imperfeitos, dedicam-se a escandir firulas do enredo e das tramas. Dá-se enorme relevo a pérolas de erudição que o autor espalha pela narrativa, como se ele só fizesse isso agora e não desde sua estréia, como é fácil verificar. O refinamento do enredo de *Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos*, que na verdade se sustenta sobre três buscas, é reduzido para que somente as sofisticadas fabulações do cineasta, principal personagem e narrador, sejam destacadas, quando o romance busca uma tríade, onde estão os originais do suposto livro de Isaak Bábel; onde foi parar o diamante conhecido com Florentino; e qual é o destino do contrabando de tantas pedras preciosas que são roubadas a partir do Rio de Janeiro.

Depois da censura a *Feliz Ano Novo*, Rubem Fonseca publicou *O Cobrador*, sua última coletânea de contos antes de dedicar-se a fazer no Brasil o que autores como Dashiell Hammett e Raymond Chandler, entre outros, fizeram nos Estados Unidos. Já que o apogeu do romance policial dá-se entre as duas guerras mundiais, consolidando-se como gênero nos anos seguintes, sem entretanto manter a curva ascendente que marcara sua formidável trajetória, teríamos, então, no chamado romance policial de Rubem Fonseca a expressão de uma modernidade tardia? Ou, para utilizar uma analogia de Roberto Schwarz, em *Ao Vencedor, as Batatas*, também essas idéias estariam fora de lugar?

O fenômeno Rubem Fonseca há de ser estudado à luz de eventos decisivos que marcaram o período histórico-literário que presidiu sua formação de escritor e assiste ao êxito que usufrui agora, passados vinte e seis anos de sua estréia, um sucesso de crítica e público, no Brasil raramente combinados. Desses eventos, alguns merecem atenção mais cuidadosa, a saber: a definitiva

implantação do capitalismo no Brasil e seus desdobramentos econômicos, políticos e sociais, vistos na descomunal concentração de renda em mãos de cada vez menos pessoas, o empobrecimento acelerado das classes médias urbanas e não apenas das classes mais baixas; a ditadura militar que vigorou por mais de vinte anos; a invasão maciça da indústria cultural, que alterou padrões estéticos, rebaixando-os, procedendo da mesma forma quanto aos padrões éticos (para o lucro tudo é permitido e o esperto é cada vez mais um cínico, não no sentido filosófico, evidentemente); e, finalmente, como fato capital e específico nas relações entre o escritor, a obra e os leitores, a censura.

A literatura de Rubem Fonseca, de que já me ocupei em *O Caso Rubem Fonseca* (São Paulo, Alfa-Ômega, 1983) e *Sexualidade, Literatura e Repressão na Velha República (1964-1985)* (São Paulo, Estação Liberdade, no prelo) há de ser entendida no conjunto de escritores perseguidos, censurados e submetidos, como ele, a famosos processos judiciais, como ocorreu a Oscar Wilde, Gustave Flaubert e D. H. Lawrence, entre outros. Fora disso, qualquer leitura que dele se faça, deixará de lado um fato indispensável ao entendimento de sua obra: a censura por ele sofrida e seus desdobramentos.

Deonísio da Silva
Universidade de São Carlos